

# UMA VIDA

(FRAGMENTO)

Ivan Ângelo

(Abre em primeiro plano de um homem velho, gordo, muito branco e se afasta lentamente até mostrá-lo sentado em uma poltrona de couro preto. A luz intensa de dois espotes bate diretamente em cima dele, devassa sua pele seca, fina e pálida, sem refletir: é engolida por ela. Nenhuma música, por favor, apenas o som da respiração dele, difícil. Percebe-se o ar atravessando obstáculos através dos alvéolos, brônquios, traquéia, como se pedaços de trapos soltos mal tapassem as passagens de entrada e bolhas pegajosas obstruíssem as saídas. Suas mãos apalpam e comprimem sensualmente os braços gordos e macios da poltrona, brancas mãos com pequenas manchas circulares marrons, dedos carnudos prendendo e soltando como se negra nádega. Seus olhos se escondem, pode-se supor que fogem da luz impiedosa dos espotes. Por enquanto, não faz mal que pensem assim. O homem fica alguns segundos parado, como, no palco, um ator iluminado chamando a atenção pela imobilidade; depois fala com uma voz de baixo tom, estudada para longo relato, cortada em fatias como um bolo, provavelmente para possibilitar a trabalhosa respiração em que trapos e bolhas vêm à lembrança de quem ouve, ou uma agonia.)

"Boa noite. Desculpem interromper a novela e o prazer de vocês. Mas vocês não vão sair perdendo. Vocês nunca viram isso antes."

(Pára, considerando o que acaba de dizer e uma risadinha chia no seu peito sem aparecer no rosto.)

"Hoje eu vou contar uma história que ainda não terminou. E vou contar para que ela termine. É a história de uma fotografia que foi feita há dezoito anos. Dezoito anos, dois meses e dez dias. É a fotografia da última pessoa que eu vi na rua, a última pessoa que me viu na rua. A última."

(Pausa. Levanta devagar os olhos, quando se pode ver que são terrivelmente cinzentos.)

"Você me conhece? Eu conheço você, muito bem. Eu sei do que você gosta, quanto ganha, se tem carro ou geladeira, a hora que você dorme, a hora que acorda. Eu sei o que você é capaz de fazer, aquelas coisas que não conta para ninguém... Eu alimento essas suas — ahn ha ahahaha ah — fraquezas, digamos assim. Tem quarenta e quatro anos que eu acompanho você todo dia. Tenho um espião te seguindo, conversando com seus vizinhos, com seu patrão, com seus empregados."

(Cochicha, apontando.)

"Meu espião está aí, na sua sala!"

(Normal.)

"Essa telinha suga você pra mim, eu te vejo quase tão bem quanto você me vê. Talvez sua imagem seja até um pouco mais nítida — ahha ah ha ahahahhhhhhh."

(O riso do homem murcha por falta de motivação interior. Uma tristeza sem autopiedade vai tomando conta do seu rosto.)

"Estou cansado, sabe? Muito só. Muito, muito só. Você me vê aqui com essa respiração que mais parece uma pia entupida, esse corpo desconfortável, e você pensa: olha aí, um dos homens mais poderosos do país, um camarada invejado, admirado, odiado — e para quê? Para acabar assim?"

(O homem medita, sacode a cabeça como se considerasse melhor o que acabou de falar.)

"Não, não é você que pensa assim. Sou eu. É a minha parte saudável, que me acode desde quando eu era criança. Eu sou meu anjo da guarda. Desde que eu era pequeno meu anjo avisou: você não é como eles. Eu não sou como aqueles merdas!"

(A mão do homem soca o braço negro da poltrona. Ele espera acalmar-se.)

"Desculpe. Queiram me desculpar. Eles. E quem são eles? Eles não são, eles foram. Meus avós, meus tios, meus pais, meus primos,

(O tom cresce, indignado.)

uma corja indolente e sem imaginação que liquidou com a nossa riqueza em duas gerações! Eu tirei isso aqui do nada, eu levantei isso do chão!"

(Pausa. O tom desce.)

"Não se preocupe. Eles não vão se ofender. Eu não posso mais ferir nenhum deles, por mais que eu tente. Estão todos mortos. Um dia eu conto. Esses parasitas acabaram com o dinheiro do meu bisavô, uma fortuna. Quem tem terra tem tudo nessa terra — era o que eles pensavam, o que eles diziam. Todo ano — eu era menino — todo ano eu via aquela confusão de lágrimas, bebedeiras e desespero, tias pegando com deus, meu avô pegando com são Brás, o Venceslau, até sair outro empréstimo, e eles entregavam fazendas, fábricas, e tinham mais alguns anos para gastar, gastar, e eu ia ficando rapazinho e ia entendendo aquilo tudo e falava para mim: eu não sou como eles, esses, esses... Família? Parente é como dente: quanto mais longe um do outro, melhor. Parente serve é pra isso, pra gente ver como é que não deve ser. Eu escapei, com meu anjo da guarda. Ahan ahha ha ah ha ahha. E pra quê, não é? — é isso que você está pensando. Pra acabar assim? Vejam,

(Eleva a voz, e tosse com o esforço.)

vejam aqui."

(Pausa. O homem respira fundo, recupera-se e volta ao tom normal.)

"Um homem sozinho, doente, que por causa de uma solidão insuportável resolve fazer confidências a sessenta milhões de pessoas de uma vez. E pra falar de quê, você vai perguntar. O que é que esse velho nojento tem pra falar que interesse à gente? Muita coisa. Eu sei que você, vocês todos são bisbilhoteiros. Você gosta de ouvir conversa dos outros, de espreitar os outros, não gosta? Gosta. Você gosta de saber como as pessoas são na intimidade, não gosta? O que elas fazem na cama... Ahan ah ha ha ha ahahan. Pois eu vou contar. Esse velho nojento aqui vai contar. Você sabe quem é ladrão de luxo nesse país? Vou contar. Um crime misterioso que comoveu todo mundo... Vou contar quem matou. Ah, já começam a se interessar, heim? Vocês são sujos, sujos. Muita gente vai querer impedir esse programa. Mas ninguém — ninguém! — pode me impedir. Vocês me odeiam — minhas pesquisas dizem isso — mas vão acabar torcendo por mim. Não tenho sócio que me impeça, nem governo que me obrigue, nem ibope que me derrube. Um homem como eu, que está dormindo no colo da morte, tem o dobro do poder. Eu não tenho nada a perder. Nada!"

(As mãos brancas e carnudas param de apalpar os braços negros da poltrona. A mão direita pesca no bolso externo da grande manta branca que ele veste uma foto amarelecida, cantos revirados e meio rotos. Ele a mostra, segurando-a entre o dedo indicador e o polegar.)

"Esta é a fotografia. Sabe de uma coisa? O inferno não é igual para todo mundo não. Não é não. Cada pessoa prepara o seu. Cada um vai juntando as tenazes e os ferrões com que prefere ser atormentado quando chegar a hora. Senão, por que a gente guarda numa gaveta secreta justamente as coisas que vão doer mais quando remexidas? É nisso que eu penso quando vejo esse olhar nesta fotografia. Ali na parede tem uma ampliação grande. Focaliza, por favor. Focaliza lá, idiota!"

(Resmungo.)

"Diabo de gente incompetente. Como é que esse negócio vai pra frente com uma gente dessas?"

(A foto: um homem de uns 65 anos, quase gordo, branco, de terno branco, é visto de meio perfil, meio de costas, junto à porta de trás de um carro Lincoln Continental preto, aberta, segura por um homem do qual se vê só um pedaço do corpo e o braço, e a impressão que se tem é de que o homem quase gordo saiu do carro pela porta que o outro homem mantém aberta; o homem quase gordo de branco olha para uma mulher jovem de uns 26 anos; a mulher é a única pessoa vista de frente e está olhando para o homem; a mão esquerda da mulher segura a alça da bolsa a tiracolo levantando-a um pouco; a mão direita segura a bolsa, como se a apalpasse ou como se acreditasse que estivessem prestes a roubá-la; ao lado do homem de branco um outro homem, de terno cinza, de costas mas com o rosto virado quase em meio perfil, óculos escuros tipo ray-ban, encara também a moça; não há muito movimento na rua, vêem-se apenas alguns vultos indistintos ao fundo, fora de foco; a luz é pouca, como se fosse tardezinha ou o céu estivesse encoberto.)

"Bom, é esta a fotografia. Este aqui sou eu, ó, de branco. Eu era um dos últimos a usar terno branco, mais antigamente se usava muito. Este aqui, com a mão na porta do carro, é meu chauffeur. É até hoje. Eu não saio mais de casa, desde o dia dessa fotografia, mas quero ter o meu chauffeur. Bom, isso depois eu explico, senão me perco. Este outro aqui é o meu segurança. Naquela época tinha o terrorismo político, e era bom um homem como eu ter segurança. Hoje também é, aliás. E esta aqui, ó, esta moça é a minha consciência. É assim que eles chamam a moça da fotografia aqui na emissora. Eu não me importo, acho até que fui eu mesmo quem deu essa resposta um dia. Eu sei que correm

histórias e folclores sobre essa fotografia, mas a verdade é que ninguém sabe nada. Nada. E o pior é que nem eu sei."

(O homem começa a rir, mas uma daquelas bolhas ou trapos obstrui uma passagem de ar, corta o riso. O rosto do homem se contrai e uma tosse agônica sacode o grande corpo branco durante doze segundos, depois do que o homem retira do bolso um lenço branco amarrado e com ele enxuga os olhos e a boca.)

"Esta fotografia foi feita num dia muito especial da minha vida. Foi aqui em baixo, na entrada do meu prédio, no dia em que me mudei pra cá, pro meu convento. Nas minhas costas é assim que chamam esse meu refúgio, minha casa. Eu sei, tenho espiões por toda parte. Não me importo, eu até gosto do nome. Acho muito próprio. Ahan ah ha ha ha ahhan. Convento. Conventinho. Bordel. Ahan ahha ha ha ha ahn. Naquele dia eu descii do carro — não sabia que não ia nunca mais sair de casa, não sabia ainda, mas talvez lá no fundo da minha... o quê?: desesperança?, meio besta isso... lá no fundo da minha, vá lá: desesperança talvez eu já soubesse que não ia botar nunca mais os pés na rua — e dei uma última olhada nas coisas, nas pessoas. Foi uma olhada demorada. Prestei bastante atenção em cada detalhe: nas cores, nas roupas, nas formas das coisas. Como se fosse uma despedida. Bom, era uma despedida, não é? Me lembro que caiu uma lagarta em cima do carro. Naquela época havia umas árvores aqui na São Luís. Então caiu uma lagarta, um mandrúva verde e preto, rajado, caiu em cima do carro com um barulho gordo: tum. Olhei a lagarta se contorcendo, meu rosto voltado na direção do Estadão, e bati o olho num cartaz com uma moça muito bonita que havia naquela época, Rose qualquer coisa, de shortezinho numa bicicleta. Eu estava renunciando a essas paisagens. E aí quando eu tirei o olho do shortezinho — Rose di Primo, o nome dela era esse, Rose di Primo, a do shortezinho — quando eu tirei o olho dela é que vi essa moça, o olhar dessa moça. Doze de outubro de 1972. Meu último momento na rua. Por que ela me olhou assim?"

(O homem passa as pontas dos dedos da mão direita na foto, onde está o rosto da moça; o gesto começa como um carinho, depois se disfarça em limpeza.)

"Já fiz muitas fantasias sobre essa moça aqui. Cheguei a pensar num anjo que veio me dizer: não faça isso, tudo se arranjará. Naquele momento exato eu estava partindo minha vida em duas. Por que ela apareceu com aquele olhar exatamente naquele minuto? Eu tinha feito um giro grande com o corpo, com os olhos, como se tivesse uma câmara de cinema — eu penso é em cinema, nunca penso em televisão — como se fosse uma câmara filmando uma cena, e aí, pá: ela. Me olhando como se quisesse me dizer uma coisa, como se fosse me abraçar, me pedir uma coisa, como se fosse falar "me salva". Eu era um

homem calejado com mulher. Muito, muito mesmo. Tinha visto um olhar como aquele em mulheres apaixonadas, na hora do prazer. Mas aquela, uma desconhecida..."

(O homem segura a foto com as duas mãos, uma em cima, outra em baixo, mostrando-a, cobrindo com ela o próprio rosto, por instantes.)

"O que é que vocês vêem nesse olhar? Medo? Pode ser medo, não pode? Mas medo de mim? Um homem branco, coroa, comum, saindo de um carro, olhando a paisagem? Pode ser pena também, não pode? Às vezes, quando eu estou meio... quer dizer, às vezes acho que é pena. Admiração, quem sabe? Eu era, já era, quase sempre fui, uma pessoa conhecida. Pode ser uma fã, não? Alguém precisando de um emprego. Alguma paixão, pode ser. Pode? Podia? Um homem já meio gordo, sem nenhuma beleza especial... Pode? Amante minha não foi. Na época procurei muito saber se já tinha... bom, vocês sabem. Não, tinha não. Certeza que não. Maldito fotógrafo. Ela me olhou, nós nos olhamos, aquela coisa forte, não é, de quando se encontra um inesperado, a máquina do fotógrafo fez clac, ela desviou os olhos assustada, seguiu sem olhar para trás, sumiu. Perdi, perdi meu anjo. Eu deveria ter ido atrás dela, corrido atrás, não é, e dizer: escuta, anjo, me diz tua mensagem, diz. Perdi. Vá lá. Vá lá que não fosse um anjo. Ela ia me dizer alguma coisa? Quem sabe esteve ali me esperando algum tempo... Vá lá que fosse apenas uma pessoa que queria me dizer uma coisa. Eu não vou saber nunca o que era? Podia ter mudado minha vida? Toda a... como vou dizer, toda a imprecisão, a... a nebulosidade da minha vida vem de eu não ter escutado aquela palavra. Era uma palavra que ia ser dita só a mim, e se perdeu. Ficou presa na boca da mensageira com o clac daquele fotógrafo, e minha vida ficou pendurada nesse podia ter sido. A vida inteira que poderia ter sido e que não foi. Ahahn, ahah, ha. É como se são Paulo não tivesse ouvido na estrada de Damasco aquele "Saulo, Saulo, por que me persegues?". Se eu tivesse segurado aquele momento eu compreenderia tudo: por que estou aqui, por que fiz as coisas que fiz, para quê. Tem um conto que fala de um momento desses, de uma menina e de um cachorro que se olham e aquilo é forte demais para eles, para ela. Tem um outro também do olhar de uma mulher e de um urso. E tem aquele poema francês do como é que chama, da morte de um lobo. Momentos de revelação. Era isso que ia me acontecer, eu acho, uma revelação. Tem olhares assim, não é, com essa força do destino, esse recado. Um olhar que fecunda a pessoa e ela sai gerando aquele filho a vida inteira. Faltou a palavra. Eu ganho a vida com imagens, mas aprendi com palavras."

(Homem medita, em longa pausa incômoda.)

"Tanta coisa mudou depois desse olhar..."

(Longa pausa, em que o homem parece cochilar. Sua respiração, entretanto, é a de um homem que toma fôlego. Seus olhos cinzentos voltam a se mostrar, diretos.)

"Muitos de vocês devem estar pensando, nessa linguagem deselegante de hoje: que papo é esse desse velho na hora da nossa novela? Acaba logo com isso, cara, vai direto ao assunto. Pois eu vou falar pra vocês: não há assunto. E também não há mais novela."

(O homem fala bem alto, quase grita, e soca o braço da poltrona.)

"A partir de hoje eu sou a novela das oito!"

(Baixa o tom, cansado com o esforço.)

"Eu sou o dono. Eu decido."

(Um sorriso matreiro nasce nos lábios do homem.)

"Querem um lance de novela nessa história? Querem?"

(Começa decidindo e vai crescendo em força, em poder.)

"Nunca soube quem é essa moça. Mas eu quero que ela apareça. Eu preciso! E eu declaro diante de sessenta milhões de testemunhas: vou dar a ela uma quarta parte de tudo que eu tenho. De tudo! A quarta parte dessa rede de tevê, das rádios, dos jornais, das gravadoras, dos estúdios, fazendas, financeira, barco, cavalos, quadros, prédios — de tudo!"

(Pausa, como quem espera o efeito das palavras, ar de quem está acostumado a vencer com o dinheiro.)

"E agora, vai aparecer, moça?"

(Suave, cansado, apelando.)

"Eu preciso de você."

(Longa pausa.)

"Até amanhã, para todos."

(A luz se apaga e o velho desaparece no escuro.)